

SIMPÓSIO 020

VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS: COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, COGNIÇÃO E DISCURSO OPRESSOR

CAMPOS, Ana Nábila Lima
Faculdade Itapuranga
nabila.campos@gmail.com

PINHEIRO NETO, José Elias
Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG/POSLLI).
jose.pinheiro@ueg.br

Resumo: Este estudo tem o objetivo de problematizar em aspectos linguísticos, comunicativos, cognitivos e do discurso opressor, as relações existentes na obra *Vidas Secas*, escrita por Graciliano Ramos. Para tanto, são utilizados embasamentos da sociolinguística com o intuito de verificar a exposição destes aspectos no texto e como eles afetam a vida social e individual entre os personagens. Uma escrita com acontecimentos em que se pode identificar uma linguagem reduzida, composta por sons guturais e grunhidos, demonstrando um processo de linguagem fragilizada em relação a outras pessoas que estão no mesmo ambiente e levando os personagens a sofrerem com a exclusão, discriminação e o preconceito social. Trata-se de uma revisão bibliográfica com base em autores tais como: Ford e Lerner (1992), Volaco (2010), Paraense (2017), Bosi (2006) e Viana (2009). Há uma análise da língua materna como parte funcional da comunicação entre os personagens e os arranjos gestuais e guturais que reforçam o diálogo e um estudo do discurso utilizado como ferramenta de opressão.

Palavras-chave: Cognitivo; Linguagem; Sertão.

Abstract: This study aims to problematize linguistic, communicative, cognitive and oppressive discourse aspects, the relationships existing in the work *Vidas Secas*, written by Graciliano Ramos. For that, basics of sociolinguistics are take in order to verify the exposition of these aspects in the text. How they affect social and individual life among the characters. A writing with events in which a reduced language identified, composed of guttural sounds and grunts, demonstrating a fragile language process in relation to other people who are in the same environment and causing the characters to suffer with exclusion, discrimination and prejudice Social. It is a bibliographic review based on authors such as: Ford e Lerner (1992), Volaco (2010), Paraense (2017), Bosi (2006) e Viana (2009). There is an analysis of the mother tongue as a functional part of the communication between the characters and the gestural and guttural arrangements that reinforce the dialogue and a study of the discourse used as a tool of oppression.

Keywords: Cognitive; Language; Sertão.

Introdução

Este estudo tem como finalidade problematizar os aspectos linguísticos, abordando dois assuntos pré-existentes na obra de Graciliano Ramos, utilizando-se de parâmetros da sociolinguística. No primeiro momento será analisada a língua materna como parte funcional da comunicação entre os personagens e os arranjos gestuais e guturais que reforçam e efetivam o diálogo, considerando, ainda, o processo cognitivo dos mesmos. Destaca-se a “condição de analfabeto do protagonista Fabiano *que* é uma determinante para a escolha da terceira pessoa na construção da obra [...] esse narrador detém o poder de [...] fazer interferências em cada experiência narrada. (PARAENSE, 2017, p. 60).

E depois, uma análise do discurso como ferramenta de opressão e exclusão dos personagens explanadas durante toda a narrativa da obra, desde os diálogos familiares até as descrições feitas pelo narrador. De acordo com Bosi ([s/d], p. 450), o autor “via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. [...] norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo.”, assim, percebe-se que os menores detalhes de cada personagem fazem parte da representação social, econômica e cultural dessa família e do contexto em que estão inseridos.

1. Diálogo dos personagens

A linguagem utilizada pelos personagens do romance *Vidas secas*, escrito por Graciliano Ramos, dá-se por uma mistura de frases monossilábicas, grúidos e gestos. A comunicação é pouca e, muitas vezes, sem efetividade, os personagens se perdem no diálogo que possui um vocabulário curto e escasso. O processo cognitivo entre eles mostra-se de forma evolutiva e esse processo acontece devido a predisposição do indivíduo em apreender e aferir dos dados recebidos dos diversos canais comunicativos e transformá-los em conhecimento. Podemos perceber este acontecimento quando é observado que os personagens se ocupam com pensamentos longos e bem arquitetados, ao se preocuparem com a seca, imaginando que teriam dificuldade em permanecer no local em que se encontravam. Assim, necessitando continuar a caminhada pelo

Sertão em busca de melhor vida, a própria sobrevivência diante de toda a miséria presente contribui para a pouca fala. Uma das grandes dificuldades da família de Fabiano era a falta de comunicação, de palavras para se expressarem, seja pela falta de estudo ou pela condição precária enfrentada. Eram escassos de léxicos para expor seus pensamentos, utilizavam gestos e sons guturais como meio de fala entre si e tomada de decisões para continuarem no períplo.

Um ponto marcante encontrado na obra é o discurso opressor, tende a humilhar e excluir socialmente os personagens, em destaque, Fabiano por ser quem mais frequenta a cidade. O Governo, a polícia e o patrão são figuras representativas do poder, enquanto Fabiano, sinhá Vitoria, os filhos e a cachorra Baleia recebem a performance excludente advinda do discurso opressor. Em vários momentos destaca-se essa exclusão de Fabiano, em determinado momento encontram uma fazenda, trabalho, o personagem vai na cidadela próxima para comprar mantimentos, sem ao menos dizer uma palavra, Volaco (2010, p. 59) destaca que Fabiano “se ele soubesse falar. Ele sabe, já vimos isso, o que ele parece desconhecer, forçar-se para não dizer, é que pode.”, devido essa falta de diálogo ele é preso e agredido por um policial pelo simples fato de sair de uma jogatina em que estava juntamente com o sujeito fardado e outros moradores do local.

Os gestos estão sempre em uso na conversação dos personagens e, muitas vezes, são usados como único recurso para indicar uma situação, como faz sinhá Vitória ao estirar o beijo para indicar uma direção, um caminho a seguir. Nota-se no início da narrativa que pareciam falar pouco para economizar energia, mas no decorrer da trama percebe-se que a pouca comunicação entre os personagens acontece devido ao pouco vocabulário que possuem, mesmo possuindo grandes experiências vividas por causa da caminhada frequente para fugir da seca e dificuldades de sobrevivência. As dificuldades e necessidades de comunicação entre os personagens se mostram quando Fabiano, em uma noite tenta contar histórias. Contudo, devido a um vocabulário escasso e uma grande desorganização semântica, as fábulas não trazem bom entendimento. “O menino mais velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai,

compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande” (RAMOS, 1982, p. 34).

A comunicação cotidiana dos personagens fica condicionada a interpretação da expressividade corporal e facial, pela dificuldade em formar frases mais extensas e que fossem possíveis de compreensão. Eles estão presos a gesticulação e sons guturais para estabelecer caminhos, dividir tarefas, e, no decorrer do dia, com as dúvidas que os filham tinham sobre a vida. A dificuldade social é tamanha bem como a falta de instrução que o fato os leva a denominar a prole como *filho mais velho* e *filho mais novo*, mostra uma outra face da vida dessa família sertaneja, a falta de importância para os aspectos de identidade, a sobrevivência deles era de maior relevância. Pode-se verificar a atividade corporal como parte funcional e importante no processo comunicativo no capítulo intitulado *O menino mais velho*. A narrativa demonstra que o menino quer desabafar contando uma história para a cachorra Baleia, mas como tem um vocabulário tão curto quanto a de um papagaio, atem-se do uso de exclamações e gestos.

A cachorra que acompanhava a família, mais um ente querido do que um animal de estimação, corresponde ao diálogo por intermédio de interjeições corporais de fácil entendimento. “Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender” (RAMOS, 1982, p. 31). O menino mais velho estava tão acostumado com gestos em vez de palavras que compreendia o que a cachorra tentava expressar se movimentando e fazia o mesmo com ela, gesticulava para ver se era possível o entendimento, apaziguando seu momento de ira por buscar respostas e levar de volta cascudos de sua mãe. Uma linguagem expressiva e objetiva é o meio utilizado como vínculo comunicativo entre os personagens da narrativa. O contexto socioeconômico faz parte intrínseca destes personagens, o pouco vocabulário é consequência, principalmente, de conhecimentos empíricos. Neste caso, é preciso considerar, como língua materna, aquela que se aprende em casa ou na comunidade, no convívio com parentes e pessoas em condições igualitárias.

Para Ford e Lerner (1992), o processo de desenvolvimento humano está ligado a dois fatores, o primeiro às características da pessoa e o segundo no contexto em que está inserida. Neste sentido, a pessoa terá em seu desenvolvimento humano a absorção de tudo que está acontecendo em sua volta, adaptando este-se este processo a características pessoais, tanto físicas como mentais. Esta apreensão se dá por meio da cognição, a capacidade em transformar experiência em conhecimento. A família de Fabiano não possuía muita instrução, mas sabia do que era necessário para sobreviver, sabia quando precisava se mudar, cuidar dos animais e plantações que tinham na fazenda em que a família estava. É necessário considerar as experiências desta família como parte do processo de aquisição de conhecimento e desenvolvimento humano, uma passagem de pai para filho dos valores que eles possuem. Essa hereditariedade pode ser mais afluída ao observar que os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória desenvolvem o mesmo jeito de interagir ao copiar os pais, essa aproximação feita pelos filhos reafirma o processo de cognição, a habilidade em adquirir conhecimento por meio das experiências que cada indivíduo possui. Os filhos passavam o tempo com os pais e a cachorra, aprendiam tudo o que viam, da maneira como era mostrado, seja por meio de poucas palavras, gestos corporais e faciais ou barulhos guturais emitidos.

A linguagem dos personagens na obra é muito ligada ao convívio. Observa-se que os personagens de Graciliano Ramos conseguem confeccionar bons assuntos em seus pensamentos, porém têm dificuldades em expô-los ou esclarece-los. Devido à dificuldade em transformar seus pensamentos em discursos que seriam compreendidos por aqueles que ouvissem, usavam gestos e sons que mais pareciam grunhidos animais. Tinham consciência do que acontecia ao seu redor, de eventos climáticos e naturais diversos, sabendo o que fazer ou não para preservar a sua sobrevivência. A sensibilidade e outros sentidos interagem com a natureza onde vivem, sendo que essa interação ajuda na comunicação dos personagens. A comunicação sempre foi um problema para a família, a escassez de palavras nos diálogos, causa certo estranhamento para os leitores, a falta de léxicos leva-os a observar outros detalhes apresentados

pelo autor para a descrição do local, tanto da vida sertaneja e todo o sofrimento das pessoas e animais quanto da seca desértica, palco para as relações.

2. Discurso opressor

O processo de exclusão presente na obra acontece a partir do momento em que os poderes institucionais como governo, polícia e patrão se utilizam de seus saberes autoritários para explorar Fabiano e sua família. Esses poderes e saberes são transmitidos de maneira opressiva, com um discurso que coloca o personagem e sua família em uma posição de míseros servos, incapazes de opinar e decidir por conta própria o que seria a melhor saída, ou expor seus pensamentos perante o resto da sociedade. Observa-se no capítulo *Fabiano* que mesmo sendo de origem muito humilde, orgulhava-se por dominar a natureza, por se dar bem com os animais e, independente da maneira que falava, ele conseguia se comunicar com a sua família. A opressão do patrão que esbravejava com Fabiano, mesmo tudo estando bem e a lucratividade aumentando, é feita para mostrar quem mandava e estabelecer uma hierarquia de empregado e empregador, opressor e oprimido.

O discurso autoritário e agressivo do patrão possui dois objetivos principais: o primeiro é para mostrar o lugar de Fabiano na hierarquia social existente; o segundo envolve a questão econômica já que o patrão precisava obrigá-lo a trabalhar cada vez mais, explorando seu potencial sem que seja recompensado por todo o seu esforço, mais valia. No mesmo sentido econômico o patrão utilizava-se da simplicidade e ingenuidade para tirar proveito na hora do pagamento. Em outro momento do discurso opressor apresentamos um elemento técnico, no capítulo *Cadeia*, Fabiano após ter um desentendimento com um policial que quis tirar proveito dele em uma jogatina, é levado à delegacia e lá recebe uma sentença. “Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu” (RAMOS, 1982, p. 16).

De fato Fabiano sabia o que tinha acontecido, sabia que o policial queria lhe tirar proveito econômico, queria se engrandecer em cima dele usando sua autoridade, mas como entender a acusação. Não foi capaz de compreender muito menos se defender, a linguagem técnica jurídica e burocrática era demasiadamente complexa, principalmente para um matuto como ele. Apanhou, ficou preso e foi humilhado, ficando indignado por não saber argumentar mesmo confiante de que estava certo e não merecia as transgressões corporais e verbais. Fabiano decidiu aceitar e se conteve, pensou em sua família e nas consequências que viriam caso afrontasse o oficial da polícia. Mesmo estando certo de seus atos, não foi capaz de se impor e evitar a humilhação de ser preso, agredido de diversas maneiras. Por mais que quisesse revidar e se vingar por tais acontecimentos esperou ser solto e foi para casa, sem nenhuma dignidade ou autoestima elevada depois da noite humilhante que vivera.

O governo representado pelo agente cobrador de impostos queria tirar sua fatia do bolo. Porém, o bolo de Fabiano era minguado demais, mal dava para sua família. Primeiro, o cobrador usa um discurso burocrático para convencer Fabiano a pagar a taxa por comercializar a carne de porco, sendo que ele insistia que não era justo pagar tais impostos. Depois, o agente usa de sua autoridade e rebaixa Fabiano a sua suposta condição social que é de escutar e obedecer sem esboçar qualquer argumento. De acordo com Viana (2009, p.5), “as formas de exercício do poder da linguagem são as mais variadas, desde o uso do adjetivo pejorativo até chegar ao reino do formalismo e do domínio do discurso técnico”. Em vários momentos da trama o uso dialético demonstra que quem detém os conhecimentos técnicos da linguagem sobressai aos demais. Tomás da Bolandeira não utilizava um linguajar agressivo e opressor, mas conseguia o que queria usando de palavras sutis e complexas mostrando ser um conhecedor e detentor de uma sabedoria quase única entre aqueles que estavam ao seu redor. Fabiano desejava ser igual a senhor Tomás da Bolandeira por este mostrar que é possível usar o conhecimento de forma agradável, ao contrário dos outros que conheceu, detentores da palavra com falas entranhadas de arrogância e poder.

Ainda de acordo com o autor citado acima, compreendemos que o poder por meio da linguagem acontece de diversas maneiras, sendo exposto em toda a obra de Graciliano Ramos, percebe-se que ora é utilizado como meio de opressão e abuso de poder, ora como uma maneira de expor sabedoria e domínio de um discurso persuasivo e convencedor sob aqueles que não o possuem, sem ofender ou diminuir a situação social desse sujeito. Ao se tratar de dominação, imposição de poder, e a relação entre opressor e oprimido, vale ressaltar que essa se faz por meio do “uso de recursos lingüísticos para reproduzir a dominação” (VIANA, 2009, p. 5). Dessa maneira, entendemos que Fabiano e sua família possuíam inteligência, pois dominavam conhecimentos sobre os animais, plantações e parte dos acontecimentos da natureza, mas ao se tratar da comunicação, e convívio social, esses não tinham domínio, e não sabiam como se comportar para que fossem respeitados. Essa falta de conhecimento lexical, leva os personagens a sofrerem transgressões de diversas maneiras, ressaltando as divergências entre as classes sociais existentes, e do poderio econômico e cultural dentro da sociedade.

Referências

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2ª ed. 5ª impressão. São Paulo: Editora Cultrix. S/D.

FORD, D. H., LERNER, R. M. **Development systems theory: an integrative approach**. London: Sage Publications, 1992.

PARAENSE, Maria Luzia Carvalho de Barros. **Na raiz, a fome: uma leitura dos romances Vidas secas, de Graciliano Ramos, Os flagelados do vento leste, de Manuel Lopes e Famintos, de Luís Romano**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 48ª ed. São Paulo: Record, 1982.

VIANA, Nildo. **Linguagem, Discurso e Poder** – Ensaio sobre Linguagem e Sociedade. Pará de Minas: Editora Virtualbooks, 2009.

VOLACO, Gustavo Capobianco. **Viver ou secar? A tensão em Vidas Secas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.